

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA SUSTENTABILIDADE NA CONSTRUÇÃO CIVIL: A VISÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

ELZA MARIA TECHIO¹
JARDEL PEREIRA GONÇALVES²
POLIANA NERES COSTA³

Introdução

Questões relacionadas ao meio ambiente e os impactos gerados pelos seres humanos ganham, constantemente, espaços em discussões diversas, tanto no que se refere à preservação e os efeitos negativos, quanto às medidas e práticas que visam melhorias e preservação do planeta. Entretanto, as pessoas ainda não conseguem concretizar e legitimar uma concepção mais abrangente, que associe os impactos e repercussões das ações do homem no meio ambiente a uma perspectiva social e econômica. Os discursos, mesmo depois do surgimento de um novo paradigma – o da sustentabilidade – encontram-se apegados exclusivamente às questões ambientais como principal cerne que pode ser beneficiado pelas novas práticas e ações. Imersos neste ambiente encontram-se todos os seres humanos que dependem deste meio para sua sobrevivência, bem-estar, qualidade de vida e saúde, enfim, uma complexa relação entre pessoas e meio ambiente.

Para uma melhor compreensão desse novo paradigma que abarca as relações entre as ações do homem e a natureza e suas implicações econômicas e sociais, incluindo os aspectos culturais, faz-se necessário explicitar a origem e a difusão do conceito de sustentabilidade.

A temática da sustentabilidade passa a ter visibilidade em 1972, com a Declaração de Estocolmo (fruto da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, referida como Conferência de Estocolmo) (AGOYPYAN; JOHN, 2011). Durante a Conferência foram elaborados 26 “princípios comuns que ofereçam aos povos do mundo inspiração e guia para preservar e melhorar o meio ambiente humano” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1972, p. 1). Neste documento, o desenvolvimento sustentável e a preservação do meio ambiente como garantia de sobrevivência das gerações presentes

1. Doutora em Psicologia Social pelo Universidad del Pais Vasco, Espanha. Professora do Instituto de Psicologia- IPS. Universidade Federal da Bahia- UFBA. e-mail: elzamt@ufba.br

2. Doutor em Engenharia Civil, Professor da Escola Politécnica. Universidade Federal da Bahia. e-mail: jardelpg@ufba.br

3. Graduanda em Psicologia - Universidade Federal da Bahia. Bolsista: Programa Permanecer da UFBA e-mail: poli9.psi@gmail.com

e futuras passam a ser centrais e devem ser garantidos sem ter que acionar o “Stop do desenvolvimento social e econômico”, como se verifica no trecho a seguir:

A defesa e o melhoramento do meio ambiente humano para as gerações presentes e futuras se converteu na meta imperiosa da humanidade, que se deve perseguir, ao mesmo tempo em que se mantêm as metas fundamentais já estabelecidas, da paz e do desenvolvimento econômico e social em todo o mundo, e em conformidade com elas. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1972, p. 2).

A partir desta declaração, em 1987, o tema tornou-se alvo de debates no Relatório de Brundtland, que inicialmente fez uso do termo sustentabilidade ao apresentar a concepção de desenvolvimento sustentável como aquele que “satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as próprias necessidades” (AGOPYAN; JOHN, 2011, p. 29). Entretanto, foi na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e o Desenvolvimento, mais conhecida como Rio-92, que o termo ganhou base e destaque global. Desta conferência foi gerada a Agenda 21, que possibilitou a criação de diversos acordos e programas, objetivando sensibilizar os países a colocarem em prática os pressupostos da sustentabilidade. A proposição central da agenda 21 é o compartilhamento entre todos os países, independente de seu desenvolvimento econômico, a responsabilidade pela sustentabilidade do planeta. (AGOPYAN; JOHN, 2011).

Na indústria da construção civil, somente na década de 1990 o conceito de “sustentabilidade” passa a ser incorporado em suas ações e preocupações, mesmo sendo considerada uma indústria que exerce forte impacto ambiental. Estima-se que cerca de um terço do consumo de todos os recursos naturais despendidos no mundo é de responsabilidade da construção civil (TAIPALE, 2012). Desde então, na construção civil a sustentabilidade vem ocupando um espaço crescente, pois, como ressaltam Yemal, Teixeira e Nääs (2011, p. 7), é:

Uma das mais importantes atividades para o desenvolvimento econômico e social e por outro lado comporta-se ainda como grande geradora de impactos ambientais quer seja pelo consumo de recursos naturais, pela modificação da paisagem ou pela geração de resíduos.

Na década de 2000, uma nova etapa sobre a sustentabilidade na construção civil ganha destaque com a discussão das construções sustentáveis e sistemas de certificação de empreendimentos sustentáveis (Selo Ambiental), emergidas das conferências nomeadas *Sustainable Building*.

Nesse sentido, alguns termos diferentes, tais como: construções ecológicas, construções verdes, construções com certificação ambiental (Selo Ambiental) e construções mais sustentáveis vêm confundindo a sociedade sobre os valores ou práticas ambientais da construção, e merecem ser esclarecidos. Esses termos são utilizados como sinônimos, porém indicam construções com características diferentes.

O conceito tradicional de ecologia a define como a ciência que estuda as relações entre os seres vivos e o ecossistema (meio ambiente ou condições físicas e químicas do lugar que habitam) (FERRI, 1979). O processo executivo de uma construção gera, naturalmente, um impacto no ecossistema através da limpeza da cobertura vegetal, movimentação de terra, uso de recursos naturais, consumo de energia, emissão de CO², entre outros impactos. Desta forma, nenhuma construção pode ser chamada de construção ecológica.

O termo “construção verde” surge a partir da percepção do mercado de uma preocupação coletiva crescente com a preservação do meio ambiente, motivada pela crise ambiental. Neste sentido, a “construção verde” se instala no campo social como uma estratégia de marketing, marcada pelo apelo da preservação e preocupação com o meio ambiente e, assim, garantindo o progresso econômico mais sustentável.

O termo “construções com certificação ambiental (Selo Ambiental)” está associado a construções que são submetidas a metodologias para avaliação de desempenho ambiental, ou seja, são submetidas a um conjunto de critérios e metas com vistas à elevação dos padrões ambientais. Estas metodologias fornecem um conjunto de normas e guias de boas práticas visando minimizar os impactos ambientais causados pela edificação, que devem ser parcialmente ou completamente atendidas para que um empreendimento possa ser certificado como uma construção mais sustentável. Exemplos destas metodologias são o *Leadership in Energy and Environmental Design (LEED)* e o *Building Research Establishment Environmental Assessment Method (BREEAM)*, entre outros métodos específicos de cada país, como *NABERS* e *GREEN STAR* na Austrália, *GREEN GLOBES* no Canadá, *Comprehensive Assessment System for Building Environmental Efficiency (CASBEE)* e *Haute Qualité Environnementale (HQE)* na França. No Brasil, foram desenvolvidas as metodologias Avaliação da Qualidade Ambiental (AQUA) – adaptado da HQE – e o Selo Casa Azul da Caixa Econômica Federal. Uma construção com certificação ambiental pode se tornar um ativo imobiliário mais competitivo tanto em termos de venda, como de locação (ABREU, 2012).

Os sistemas de certificação de empreendimentos, mesmo com sua contribuição para a melhoria dos aspectos ambientais, não são suficientes para provocar melhorias efetivas no desempenho ambiental de uma edificação ao longo de todo o seu ciclo de vida. Uma vez que não consideram suas repercussões ambientais desde a seleção de materiais e sistemas construtivos nas fases de concepção e projeto do empreendimento, com a preocupação do uso destes na fase da construção no que se refere à logística, perdas e produtividade; seu desempenho ao longo da fase de uso quanto ao consumo energético, durabilidade e facilidade de manutenção e os aspectos de descarte, reúso e reciclagem na fase de fim de vida dos empreendimentos, de forma integrada.

O conceito de “construção sustentável” ou “edificação sustentável” é definido pelo Comitê Técnico da International Organization for Standardization (ISO/TC 59/SC3 N 459):

Edificação sustentável é aquela que pode manter moderadamente ou melhorar a qualidade de vida e harmonizar-se com o clima, a tradição, a cultura e o ambiente na região, ao mesmo tempo em que conserva a

energia e os recursos, recicla materiais e reduz as substâncias perigosas dentro da capacidade dos ecossistemas locais e globais, ao longo do ciclo de vida do edifício. (ARAUJO, 2002, p.2).

A partir dos estudos desenvolvidos por Sobreira (2010), verifica-se que grande parcela das “construções ecológicas”, “construções verdes” e “construções com certificação ambiental (Selo Ambiental)” está relacionada ao interesse mercadológico e publicitário nos “ecoprodutos”, processo no qual a arquitetura estaria incluída. Para Sobreira (2010), os empreendedores descobriram que o marketing em torno do consumo sustentável poderia ser aplicado também à arquitetura, e uma forma de orientar o consumidor. Como consequência, tem-se observado nas construções o início de um processo que nasceu no marketing de produtos em meados dos anos 1980: o *greenwash*, termo que se refere a uma estratégia cujo objetivo é aumentar a venda e a visibilidade de um produto baseada em uma falsa imagem ecológica ou ambiental do mesmo. Neste sentido, as “construções ecológicas”, “construções verdes” e “construções com certificação ambiental (Selo Ambiental)” são mais uma forma de *greenwash* no setor da construção civil, consequentemente, impactando na representação que as pessoas têm sobre sustentabilidade, na relação afetiva associada às construções verdes e, consequentemente, nas atitudes e ações do consumidor.

Esse tipo de estratégia aborda apenas um dos aspectos da sustentabilidade na construção civil, e ignora os outros pilares que deveriam compor o conceito: cultural, social e econômico. Aspectos estes que são levados em consideração na “construção mais sustentável”.

Embora não exista acordo conceitual quanto aos termos sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, distintas áreas, a exemplo das engenharias, da economia, das ciências sociais, dentre outras, tentam estabelecer uma aproximação conceitual e defendem que deve ser analisada de forma abrangente. As definições buscam integrar o crescimento equânime das condições humanas, preservação dos recursos naturais e eficiência econômica.

Esse entendimento chama atenção para a necessidade de compreender a sustentabilidade em suas dimensões ambiental (atmosfera, terra, água, energia etc.), econômica (desempenho macroeconômico e financeiro etc.), social (trabalho e renda, saúde, educação, habitação e segurança), institucional e política (capacidade e esforço político para promover mudanças), cultural (valores e crenças), psicológica (atitudes e condutas), entre outras (PAULISTA; VARVAKIS; MONTIBELLER-FILHO, 2008).

Na construção civil, a perspectiva de integração e conservação do tripé sustentável (econômica, social e ambiental) permanece central. Embora existam desafios a serem enfrentados, principalmente no que se refere à “busca de um equilíbrio entre a proteção ambiental, justiça social e viabilidade econômica” (AGOPYAN; JOHN, 2011, p. 20). O grande desafio do desenvolvimento sustentável gira em torno da diminuição do impacto ambiental, aumentando a justiça social dentro de um orçamento disponível.

Há dificuldades na viabilização do tripé da sustentabilidade, pois há construtoras que têm se restringido a dimensão ambiental, inflando-a de modo que esta sirva apenas ao acréscimo de um valor a mais e a uma expansão mercadológica, não se preocupando

de fato com a sustentabilidade e o impacto gerado no entorno. Empreendimentos lançados, tendo como *slogan* a sustentabilidade, não são de fato considerados sustentáveis, apenas utilizam o conceito de “construção verde” como uma estratégia para sensibilizar o consumidor, além de proporcionar uma imagem positiva da empresa. De acordo com Yemal, Teixeira e Nääs (2011, p. 4):

A sustentabilidade é uma filosofia que está encorajando o mundo empresarial a procurar melhorias ambientais que potenciem, paralelamente, benefícios econômicos. Concentra-se em oportunidades de negócio e permite às empresas tornarem-se mais responsáveis do ponto de vista ambiental e mais lucrativas. Incentiva a inovação e, por conseguinte, o crescimento e a competitividade.

Como visto, acabam por objetivar a dimensão econômica em detrimento da ambiental e social. Mesmo que ambas sejam favorecidas, a finalidade da sustentabilidade destoa-se. Entretanto, não se deve deixar de considerar a importância da dimensão econômica para incentivar grandes empresas e investidores a exercerem o que chamamos de sustentabilidade.

A partir dos aspectos mencionados, depreende-se que o termo sustentabilidade é complexo e possui diversas definições. Segundo Acselrad (1999), ainda não há um consenso estabelecido entre os diferentes conceitos. Pode-se dizer que se trata de um conceito multidimensional, tão amplo que abarca diversas facetas como o desenvolvimento econômico, a preservação ambiental, questão social e psicológica, e exige tanto medidas preventivas, como corretivas e de controle de atividades presentes e futuras, com a aspiração de preservar e melhorar a qualidade de vida das futuras gerações (YEMAL; TEIXEIRA; NÄÄS, 2011). A busca do desenvolvimento sustentável é um fator imprescindível a ser considerado e estudado na medida em que objetiva conquistar ações que possam gerar melhorias em diversas esferas sociais.

Mesmo com o conceito múltiplo da sustentabilidade, para que as práticas possam ser cumpridas e as pessoas passem a ver a sustentabilidade como uma finalidade a ser cultivada e que trará melhorias atuais e futuras, faz-se necessário estabelecer um conceito que possibilite, além de avaliar os resultados alcançados, incluir os aspectos importantes que caracterizam o que se considera como sustentável (LINARES, 2012).

Ao facilitar o entendimento dos significados atribuídos à sustentabilidade, poderemos ter maior clareza a respeito de quais práticas são sustentáveis e quais não são. Para que se possa atingir tal clareza faz-se necessário realizar algumas mudanças fundamentais na esfera social, principalmente na “forma de pensar e no modo como viver, produzir e consumir” (YEMAL; TEIXEIRA; NÄÄS, 2011, p. 2), atuando de forma significativa nas esferas culturais e psicológicas. Para Paulista, Varvakis e Montibeller-Filho (2008, p. 185), “é necessário um olhar abrangente, apoiado na multidisciplinaridade e capaz de começar por incluir a relação do ser humano consigo mesmo, com o outro e com seu meio”.

Entretanto, antes de se propor intervenções psicossociais que possam contribuir para o desenvolvimento de uma consciência mais crítica sobre a sustentabilidade e construções mais sustentáveis, faz-se necessário conhecer os significados e ideias socialmente compartilhadas. Os significados são aspectos relevantes para a psicologia social, pois buscam compreender como pensam os indivíduos, o que sentem e como se comportam na sociedade, e com base nestes significados, contribuir para a aproximação de ações pró-ambiental e práticas mais sustentáveis.

Ainda que o tema sustentabilidade e o comportamento sustentável sejam discutidos e relevantes para várias áreas do conhecimento, poucos são os estudos que se debruçam sobre a temática, principalmente no que alude às práticas exercidas pelas pessoas, empresas, organizações e instituições no âmbito coletivo. Como apontam Souza e Pereira, “o mundo passa por diversos problemas ambientais e a relação homem/natureza propõe, cada vez mais, ações preventivas como o intuito de mitigar estes impactos”. (2011, p. 35)

Representações sociais e sustentabilidade

A fim de melhor compreender o significado da sustentabilidade e partindo da ideia de que o significado é construído socialmente, que depende das inserções sociais, dos valores e crenças sociais e que influenciam a forma de perceber, sentir e se posicionar no mundo, utilizaremos a teoria das representações sociais.

As representações sociais, para Jodelet (2001), são formas de conhecimentos práticos orientados para a comunicação e compreensão do contexto social; tais conhecimentos são socialmente elaborados e compartilhados pelos sujeitos sociais. São sistemas de interpretação da realidade, e como tais orientam as relações e guiam os comportamentos intra e intergrupais, influenciam o processamento de informação, as identidades e a mudança social. Como sistema cognitivo (imagens, conceitos, ideias etc.), são produtos da apropriação da realidade externa e elaboração psicológica e social desta realidade (CABECINHA, 2004; JODELET, 2001).

Ainda que na análise das representações sociais os elementos cognitivos sejam enfatizados, não se reduzem a eles. As dimensões afetiva e comportamental se fazem presentes. A dimensão afetiva serve para a elaboração de estratégias de proteção da identidade social, principalmente quando ameaçada, e a comportamental serve como princípio que guia as ações, sejam elas individuais ou coletivas (SPINK, 1993).

Para Jodelet (2001), as representações sociais são construídas porque é preciso “ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física ou intelectualmente, identificar e resolver problemas [...] (p.1)”. As representações “são fenômenos complexos sempre ativos e agindo na vida social”, além de serem “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 1989, p. 36), portanto, uma construção social a respeito de objetos socialmente valorizados.

As representações sociais são teorias do senso comum, influenciadas pelo contexto social, histórico e ideológico, através das quais realidades sociais são interpretadas, construídas, representadas e reapropriadas pelos indivíduos ou grupos e reconstruídas no

sistema cognitivo, que se integram aos valores e crenças já existentes. Segundo Moscovici (2010, p. 21) as representações sociais são:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

Para esse autor, a representação social tem por objetivo tornar algo não familiar em algo familiar, é uma forma de construção e compartilhamento de conhecimento “em que o sujeito (indivíduo ou grupo) adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade, que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico” (MOSCOVICI, 2010, p. 21). A representação social é sempre um produto da interação e visa à comunicação social.

O processo constitutivo das representações sociais, que depende de conhecimentos, afetos e avaliações originadas na relação do indivíduo com a sociedade é estabelecido a partir de dois processos cognitivos fundamentais: a ancoragem e a objetivação. A ancoragem corresponde ao reconhecimento de objetos não familiares com base em categorias já existentes e funcionais disponíveis na memória, é a integração cognitiva do objeto ao pensamento já existente. Ao integrar o não familiar, conhecimentos e eventos novos no sistema já familiarizado, as representações preexistentes serão de certo modo alteradas. A ancoragem ocorre quando um novo objeto é incorporado ao sistema de categorias preexistentes.

A objetivação refere-se ao processo em que os conceitos abstratos são materializados em realidade concreta e significativa, transformando a imagem em palavra (MOSCOVICI, 2010). No processo de objetivação, informações são privilegiadas em detrimento de outras, que são simplificadas e dissociadas de seu contexto original, além disso, são ajustadas de forma que algumas passam a ter maior importância que outras.

A abordagem estrutural das representações sociais ou Teoria do Núcleo Central foi sugerida em 1976 por J. C. Abric, embora somente na década de 1990 passasse a exercer impacto na Teoria das Representações Sociais (SÁ, 1996). De acordo com esta teoria, as representações organizam-se em torno de conteúdos centrais e periféricos.

O núcleo central representa a parte não negociável da representação, é mais estável e inflexível. É o elemento que garante a continuidade em contextos sociais instáveis e em constante processo de desenvolvimento. Além disso, é o núcleo central que permite a realização de estudos comparativos das representações e fornece significado à representação (CHAVES; SILVA, 2013). Destaca-se que os elementos centrais estão conectados à memória e história do grupo, e têm função geradora, organizadora e estabilizadora.

Os elementos periféricos são mais flexíveis, adaptam-se mais facilmente às transformações do contexto, aceitam mudanças sem que a representação central seja alterada de forma profunda. Respondem a três funções: concretização da representação; regulação

ou adaptação da representação ao contexto; defesa e proteção do núcleo central dando conta das contradições (ABRIC, 1998).

A concepção e o significado da sustentabilidade estão submetidos “à lógica das práticas, que se articula a efeitos sociais desejados, a funções práticas que o discurso pretende tornar realidade objetiva” (ACSELRAD, 1999 p. 2). Diante disto, a teoria das representações sociais favorece, através do conhecimento das representações, a compreensão das ações coletivas, motivações empresariais para criação e operacionalização de práticas mais sustentáveis na construção civil e políticas públicas que incentivem práticas mais sustentáveis. Tais ações possibilitam o conhecimento social de práticas ou estratégias mais sustentáveis que levam ao desenvolvimento do consumo responsável, sustentável e consciente, preocupado não somente com a preservação do ambiente, mas também com o desenvolvimento social e econômico.

Em síntese, a partir do entendimento do que as pessoas conhecem e entendem por sustentabilidade, do significado de sustentabilidade, torna-se possível compreender a lógica que segue as práticas sustentáveis e em que nível os indivíduos estão considerando e identificando a sustentabilidade.

Na literatura especializada, poucos são os estudos que se dedicam a trabalhar com as representações sociais da sustentabilidade. Isso pode ter ocorrido em razão da diversidade de definições, dificultando a produção de uma representação unânime e amplificada da sustentabilidade. Um dos poucos estudos publicados no Brasil foi realizado por Ramos e Kayamura (2009), com 78 alunos ingressantes no Ensino Superior, sobre a representação da sustentabilidade e do meio ambiente.

Nesse estudo foi possível identificar que a representação da sustentabilidade é reconhecida por 28% dos participantes de forma genérica e simplificada, sem uma aceção específica a respeito do conceito, como se observa na fala de um dos participantes: “Sustentabilidade está relacionada a ações que promovam um meio sustentável, estável” (RAMOS; KAYAMURA, 2009, p. 5); e somente 11,5% dos participantes apresentam uma concepção de sustentabilidade inserida em um âmbito mais social, econômico e ambiental, como pode ser observado na expressão: “Sustentabilidade consiste em um conjunto de ações voltadas para a minimização do impacto do consumo e produção desempenhados pela sociedade atual” (RAMOS; KAYAMURA, 2009, p. 6).

O estudo acima descrito sugere que a maioria dos participantes não havia construído uma representação clara do que seria a sustentabilidade, e os que conseguiam conceituar o faziam de forma genérica. Poucos associavam a sustentabilidade às questões ambientais, sociais e econômicas. Tais resultados sugerem que a representação do conceito de sustentabilidade, na época em que o estudo foi realizado, ainda não estava claramente definida para aquela população.

Estudo mais recente sobre a representação social da sustentabilidade, realizado por Matos et al (2012) com 132 universitários do curso de administração de uma universidade pública, constatou que a representação da sustentabilidade foi configurada em torno do meio ambiente. Como observado, permanece a perspectiva naturalista do conceito de sustentabilidade, dissociado das dimensões socioeconômicas, o que, de alguma forma, está em concordância com o estudo anterior.

A partir dessa constatação, pode-se pensar que a dificuldade em representar o conceito de sustentabilidade, ou representá-la apenas no eixo ambiental, pode estar relacionada ao fato de o conceito não fazer parte do contexto social dos estudantes, portanto, não ser um objeto socialmente valorizado pelo grupo (JODELET, 1989; SPINK, 1993). Tal dificuldade e distanciamento entre o conhecimento do senso comum, neste caso compartilhado pelos estudantes universitários, e o conceito de sustentabilidade defendida pelo saber científico, ganha relevância se levar em consideração que o saber dos universitários deveria estar mais próximo do conhecimento científico.

Questiona-se se a dificuldade em conceituar a sustentabilidade está associada ao distanciamento afetivo e social do objeto representado, e se tal distanciamento poderia dificultar a execução e aquisição de práticas mais sustentáveis. Como ampliar o interesse das pessoas por práticas e consumos mais sustentáveis se estão distantes cognitivamente e afetivamente do objeto social e, conseqüentemente, de ações e práticas mais sustentáveis?

Neste sentido, o presente estudo teve por objetivo compreender e analisar comparativamente a representação social que estudantes universitários das áreas de ciências exatas e humanas têm sobre a sustentabilidade. Especialmente, analisar se a representação social da sustentabilidade aproxima-se do conceito de sustentabilidade apresentado na literatura. Considerando que os estudantes de ciências exatas (engenharia civil e arquitetura) possuem maior aproximação com as questões ambientais, sustentabilidade e construção civil mais sustentável, espera-se que apresentem uma representação social mais próxima do saber científico.

Além disso, este estudo favorece uma perspectiva interdisciplinar sobre a sustentabilidade ao buscar um olhar mais amplo sobre a promoção da sustentabilidade. Destarte, a apreensão do sentido conferido à sustentabilidade é fundamental na medida em que propõe visualizar indicadores que servirão de base para possíveis intervenções psicossociais.

Procedimentos metodológicos

Trata-se de um estudo qualitativo e descritivo que se utilizou de um questionário disponibilizado em formato eletrônico, usando o aplicativo *EFS Survey*, comercializado pela Global Park. O questionário foi composto pela associação livre de palavras, cujo termo indutor foi “sustentabilidade”, e dados sociodemográficos (idade, sexo, curso). Solicitou-se aos participantes que escrevessem cinco palavras que lhes viessem à mente quando lessem a palavra “Sustentabilidade”, considerando sua ordem de importância.

O estudo contou com a participação de 46 (41,4%) estudantes dos cursos de Ciências Exatas, em especial engenharia civil e arquitetura; destes, 60,9% (n=28) são do sexo feminino, com média de idade equivalente a 25,4 anos (dp=7,95), variando entre 18 e 60 anos; e 65 (58,6%) estudantes do curso de Ciências Humanas e Sociais, sendo a maioria (75,4%) do sexo feminino (n=49), com idade média de 23,8 anos (dp=6,17), variando entre 17 e 60 anos.

O teste de evocação de palavras objetiva analisar a organização interna, o conteúdo central e periférico das representações sociais, e pode ser considerado um bom instrumento de identificação do conteúdo e do significado da representação social.

Para as análises do teste de evocação utilizou-se o EVOC.ⁱ O EVOC é um *software* para análise de palavras, cuja metodologia agrupa palavras idênticas ou similares através de associações de sentidos semânticos. Os dados são agrupados de acordo com a Ordem de Evocação e Ordem Média de Importância, permitindo a avaliação do impacto do efeito da hierarquização na configuração dos elementos estruturais. Para a indicação das palavras que compõem o núcleo central e periférico, as palavras são subdivididas de acordo com a ordem de aparecimento e, a partir disso, calculam-se as médias simples e ponderadas. Os resultados são apresentados em uma estrutura de quatro quadrantes, que articula as informações conforme a frequência e a média das Ordens Médias de Evocação (Quadro 1). Cruzando as frequências e as ordens médias de evocação, o *software* discrimina os elementos que compõem o núcleo central, que representa, essencialmente, o social, e o periférico da representação social, que se relaciona com o contexto social imediato.

Quadro 1 – Distribuição das Evocações organizadas por Abric (2003)

<p>1º quadrante</p> <p><i>Zona do Núcleo Central</i></p> <p>(elevada frequência e alta importância)</p>	<p>2º quadrante</p> <p><i>Primeira Periferia</i></p> <p>(elevada frequência e baixa importância)</p>
<p>3º quadrante</p> <p><i>Zona de contraste</i></p> <p>(baixa frequência e alta importância)</p>	<p>4º quadrante</p> <p><i>Segunda Periferia</i></p> <p>(baixa frequência e baixa importância)</p>

Fonte: Andrade (2001, p. 86).

Na interpretação dos quadrantes, considera-se simultaneamente a ordem de evocação da palavra e o número de vezes que a palavra foi evocada. O primeiro quadrante conforma a zona da representação central, representando o social, e será formado pelas palavras mais frequentes e uma média de ordem de evocação relativamente baixa (alta importância) (ABRIC, 2003).

O segundo quadrante será composto pelas palavras com alta frequência, mas com baixa importância, constituindo a zona periférica das representações; tais elementos influenciam fortemente as práticas sociais e os julgamentos emitidos em determinadas situações (LO MÓNACO; LHEUREUX, 2007).

O terceiro quadrante será constituído por palavras de baixa frequência e alta importância, formando a zona de contraste das representações sociais. Esta zona é marcada por tensões com relação à estabilidade e ao conteúdo. Portanto, é uma situação ambígua

e sugere que a presença destes elementos pode indicar mudanças no sentido das representações sociais (MINIBAS-POUSSARD, 2003).

O quadrante superior direito e o inferior esquerdo representam espaços de transição entre a realidade concreta e as respostas cristalizadas. O quarto quadrante acomoda a zona periférica das representações sociais, balizando os elementos menos característicos; este quadrante é composto por palavras com baixa frequência e baixa importância, representando, portanto, os elementos mais individuais e menos socialmente compartilhados.

Resultados e discussões

Após tratamento e análise dos dados, observou-se a ocorrência de 421 palavras evocadas; destas, 120 são palavras distintas; 79 palavras apareceram apenas uma vez; e 41 palavras apareceram mais que uma única vez. Adotamos como ponto de corte para a ordem média 1,5 (enumeradas de 1 a 5, sendo 1 mais importante) e limites de frequência entre 5 e 10. A grande dispersão dos dados pode ser justificada pela não homogeneização dos sinônimos. O Quadro 2 representa os principais elementos da representação social a partir da análise do EVOC.

O programa EVOC identificou 20 palavras mais frequentes, a saber: ambiental; ambiente; compromisso; consciência; conservação; cuidado; desenvolvimento; ecologia; economia; energia; equilíbrio; futuro; meio; natureza; preservação; reciclagem; recursos; responsabilidade; social; e verde. O *software* também permite identificar o processo de concorrência entre as categorias que podem estar relacionadas ou pertencer a uma mesma categoria.

Neste estudo, as palavras *meio* e *ambiente*, e *ambiente* e *preservação* apresentaram forte coocorrência. A palavra *meio* foi evocada 59 vezes junto com a expressão *ambiente*, e as palavras *ambiente* e *preservação* apareceram próximas em 8 situações.

Quadro 2 – Análise estrutural das representações sociais associada à sustentabilidade

Frequência	Ordem média de importância de Evocação				
	≥ 10	Inferior a 1,5		Superior ou Igual a 1,5	
		Ambiente	71 (1,197)	Consciência	13 (1,692)
Meio	59 (1,203)	Desenvolvimento	10 (1,700)		
Natureza	21 (1,476)	Economia	19 (1,579)		
		Preservação	20 (1,550)		
		Reciclagem	12 (1,583)		
<9	Ecologia	8 (1,000)	Ambiental	6 (1,667)	
	Equilíbrio	6 (1,333)	Energia	6 (1,500)	
	Futuro	7 (1,429)	Recurso	5 (1,800)	
			Responsabilidade	9 (1,88)	
			Verde	9 (1,778)	

Fonte: Elaborado pelos autores deste artigo.

No Quadro 2, observa-se que o conteúdo da zona central que organiza a representação social de sustentabilidade envolve questões em torno do *meio ambiente e natureza*. Para Abric (2003), estes elementos são mais característicos das representações sociais do que qualquer outro elemento, pois são os primeiros elementos a serem evocados e os mais frequentes.

Na primeira periferia encontram-se os elementos que apresentam alta frequência e baixa importância (os últimos a serem evocados): *consciência, desenvolvimento, economia, preservação e reciclagem*. Estes elementos complementam as ideias organizadas no núcleo central dando sentido e significado às *representações sociais compartilhadas pelos grupos, e influenciam as práticas sociais*.

Na zona de contraste encontram-se os elementos que apresentam baixa frequência e alta importância (os primeiros a serem evocados); são caracterizados por sua fluidez e apresentam maior possibilidade de mudança, representados pelas expressões: *ecologia, equilíbrio e futuro*. Segundo Abric (2003), este quadrante pode tanto revelar a existência de um subtipo minoritário de uma representação diferente, como ser apenas um elemento complementar da 1ª periferia, ou mesmo indicar mudanças no sentido da representação social.

Na segunda periferia, ou periferia mais distante, encontram-se os elementos com baixa frequência e baixa importância (alta ordem de evocação): *ambiente, energia, recursos, responsabilidade e verde*. Tais elementos fazem parte do sistema periférico da representação social e estão relacionados às práticas sociais e posicionamento individual frente ao objeto.

Os elementos que se encontram na zona do núcleo central: *ambiente, meio e natureza*, juntos representam uma visão da sustentabilidade baseada na preservação ambiental e da natureza, não incluindo as dimensões econômica e social, consideradas pelos teóricos relevantes para o entendimento da sustentabilidade. Estes dados sugerem a eficiência da estratégia de *marketing* da sustentabilidade, associada principalmente às construções verdes ou com selos ambientais, por estarem atingindo seu objetivo perante os potenciais consumidores.

A ideia de que a sustentabilidade gira em torno da dimensão ambiental é reforçada e justificada pelo conteúdo das zonas periféricas. Ainda que a representação social da sustentabilidade centre-se na dimensão ambiental, as dimensões social e econômica são incluídas nas zonas periféricas, ganhando destaque as expressões *consciência, desenvolvimento, economia e responsabilidade*. É na zona de contraste que aparecem os termos *futuro e equilíbrio*; estes elementos podem indicar a existência de um subgrupo minoritário que entende a sustentabilidade como necessária para o equilíbrio e o futuro, sugerindo mudanças no sentido da representação social.

De acordo com Sá (2003), a análise estrutural das representações sociais, sistema central e periférico, deve ser avaliada em conjunto. Os resultados sugerem que a dimensão predominante é a ambiental, que as outras dimensões do tripé da sustentabilidade (econômica e social) somente estão representadas nas zonas periféricas, deixando claro que estão em processo de transição, podendo ou não aos poucos serem incorporadas ao núcleo central da representação social da

sustentabilidade. A sustentabilidade e suas dimensões começam a fazer parte do contexto social, expressando um valor simbólico (MOSCOVICI, 2010). Como sugere a teoria, os processos constitutivos das representações sociais, neste caso a sustentabilidade, familiarização e transformação de algo novo em algo familiar, dependem do conhecimento, dos afetos e avaliações originadas na interação e comunicação social, e que influenciam e guiam as ações individuais e coletivas (JODELET, 2001; MOSCOVICI, 2010; SPINK, 1993).

Além disso, os resultados estão em concordância com os estudos anteriores, que também constataram que o conhecimento socialmente partilhado associa-se especialmente com a dimensão ambiental da sustentabilidade (MATOS *et al.*, 2012; RAMOS; KAYAMURA, 2009). Entretanto, nossos resultados indicam um movimento de transformação da representação da sustentabilidade ao incluir, mesmo que na periférica, questões associadas à tomada de consciência, de responsabilidade, de equilíbrio, e preocupação com o futuro.

Essa transformação pode ser explicitada em razão da sustentabilidade apresentar-se como uma prática que começou a ganhar ênfase recentemente e que continua a ser ampliada e incorporada no campo social. Como prática precoce, passou a ser exposta principalmente pelo ramo empresarial, embora seja incutida também em outros âmbitos. De fato, “as empresas atualmente focam a questão ambiental entendendo que dessa forma se tornam mais competitivas e lucrativas, uma vez que melhorando seu processo de produção economizam dinheiro.” (YEMAL; TEIXEIRA; NÄÄS, 2011, p. 5).

No Quadro 3, alocamos os termos, componentes da representação gerada pelo EVOC, de acordo com o tripé da sustentabilidade.

Quadro 3 – Alocação das categorias associadas com as dimensões da sustentabilidade

Dimensão da Sustentabilidade	Categorias associadas
Ambiental	Ambiente, meio, natureza, preservação, reciclagem, ambiental, ecologia, energia, recursos, verde.
Econômica	Desenvolvimento, economia.
Social	Consciência, responsabilidade, equilíbrio, futuro.

Fonte: Elaborado pelos autores deste artigo.

Verifica-se que a categoria *ambiente* apresenta maior diversidade de elementos quando comparada com as demais categorias, sugerindo que esta é a ideia ou conhecimento mais presente quando se pensa em sustentabilidade.

Diante do exposto, os resultados encontrados tornam-se relevantes, uma vez que os estudantes de engenharia civil e arquitetura, futuros profissionais da indústria da construção civil, responsáveis pelo planejamento, acompanhamento e execução de projetos mais sustentáveis, e estudantes de outras áreas, prováveis consumidores, expressam seu entendimento e significado sobre a sustentabilidade.

É possível pensar que essa representação central associada à dimensão ambiental pode estar vinculada a atitudes e ações favoráveis à sustentabilidade e construções mais sustentáveis. Além disso, poderia impactar na percepção da sustentabilidade da construção civil, indústria que mais consome matéria-prima e que tem investido fortemente na denominação “construções verdes”, que não são necessariamente sustentáveis (TAIPALE, 2012). Cabe referir que o movimento “verde” acaba reforçando a ideia de que a preservação da natureza e do meio ambiente são suficientes para caracterizar a sustentabilidade e uma construção sustentável, deixando de fora o impacto da obra gerado na vida social, cultural, nos hábitos e na economia do entorno.

Esses resultados nos levam a refletir sobre como inserir o tema da sustentabilidade na formação dos estudantes, e como a academia vem trabalhando com o conceito. Como criar progressivamente espaços que integrem e ampliem as informações sobre sustentabilidade e construções civis mais sustentáveis, uma vez que a permanência da representação na dimensão ambiental pode legitimar estilos de vida, atitudes, valores e ações associados à sustentabilidade.

Entende-se que a busca por uma maior compreensão da sustentabilidade é fundamental para ampliar o conceito, incluindo as dimensões econômica e social, bem como criar políticas públicas que incentivem mudanças em todas as esferas da cadeia produtiva, estimulando a construção de uma nova mentalidade organizacional e cultural que aponte para o desenvolvimento sustentável.

Considerações Finais

Neste trabalho, apresentamos um estudo sobre a representação social da sustentabilidade em estudantes universitários de ciências exatas e humanas. Esperávamos que os estudantes de engenharia civil e de arquitetura apresentassem uma representação mais próxima da definição de sustentabilidade encontrada na literatura e presente no discurso científico. Adotando a abordagem estrutural das representações sociais, nossa suposição não foi corroborada. Além disso, os elementos centrais da representação giraram em torno da questão ambiental, ainda que as dimensões social e econômica se fizessem presentes nas zonas periféricas.

Nossos resultados demonstram que os participantes desta pesquisa, diferentemente das anteriores, apresentam um conhecimento distinto da sustentabilidade, portanto dinâmico e em construção. Embora representado de modo desequilibrado, o tripé da sustentabilidade foi contemplado, não havendo ausência de nenhuma das dimensões.

De posse dessa realidade, percebe-se que estamos diante de um grande desafio, principalmente no campo da construção civil. Faz-se necessário estabelecer um amplo espaço de discussão e conscientização de toda a sociedade sobre a importância do desenvolvimento pautado em políticas públicas e práticas sustentáveis. É preciso chamar a atenção da indústria da construção civil para a necessidade de produzir, de fato, construções mais sustentáveis. Para além das empresas, chamar a atenção dos consumidores para a falsa ideia de que uma construção sustentável é a que só preserva o meio ambiente, deixando de fora outros indicadores.

Torna-se imprescindível, portanto, mudanças culturais nos consumidores, nos profissionais da construção civil, na indústria da construção civil, nos financiadores e nas ações políticas. Para que estas mudanças possam se concretizar, faz-se necessário a ampliação dos estudos sobre a sustentabilidade, além de produzir mais e novas informações sobre o conceito. Acreditamos que a difusão de novas informações e significados poderá ser incorporada à representação já existente sobre a sustentabilidade, de alguma forma transformando-a e, por conseguinte, conduzindo a avaliação e práticas mais sustentáveis. Assim, havendo uma ampliação do debate e práticas que versem sobre os princípios da sustentabilidade, provavelmente mudanças nas representações ocorrerão, assim como nos comportamentos.

Nota

i Para maiores informações do uso e descrição de cada função do EVOC, deve ser consultado o manual do programa (VERGÉS, 2002).

Referências Bibliográficas

ABREU, W. G. **Manutenção predial sustentável: diretrizes e práticas em shopping centers**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Faculdade de Engenharia Civil, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

ABRIC, J-C. La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. In: Abric, J-C. (Org.) **Méthodes d'études des représentations sociales**. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2003. pp. 59-80.

ABRIC, J-C. A abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, 5., 1998, Cidade do México. **Anais...** Cidade do México, 1998.

ACSELRAD, H. Discursos da sustentabilidade urbana. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n. 1, pp. 79-90, maio 1999.

AGOPYAN, V.; JOHN, V. M. **O desafio da sustentabilidade na construção civil**. Vol. 5. São Paulo: Edgard Blucher, 2011.

ANDRADE, D. R. Q. **Representações sociais sobre privacidade entre usuários de redes sociais**. 2011. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

ARAÚJO, M. A. **A moderna construção sustentável**. São Paulo: Artigos e entrevistas, 2002. Disponível em: <http://www.idhea.com.br/artigos_entrevistas.asp>. Acesso em: 25 jun. 2014.

CABECINHA, R. Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 125-137, 2004.

CHAVES, A. M.; SILVA, P. L. Representações sociais. In: CAMINO, L. Et al. (Org.). **Psicologia social: temas e teorias**. 2. ed. Brasília, DF: TechnoPolitik, 2013. p. 413-464.

FERRI, M. G. **Ecologia e poluição**. São Paulo: Melhoramentos, 1979. (Coleção Prisma Brasil).

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: _____. (Ed.). **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989. p. 31-61.

_____. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). **As representações sociais**. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p.17-44.

LINARES, P. **El concepto marco de sostenibilidad: variables de un futuro sostenible**. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2012. Disponível em: <<http://www.iit.upcomillas.es/pedrol/documents/sostenibilidadAsinja.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

LO MONACO, G.; LHEUREUX, F. Représentations Sociales: théorie du noyau central et méthodes d'étude. **Revue électronique de Psychologie Sociale**, Paris, n. 1, p. 55-64, 2007. Disponível em: <http://www.academia.edu/512100/LoMonaco_G_and_Lheureux_F_2007_Theorie_du_noyau_central_et_methodes_detude_Revue_electronique_de_Psychologie_Sociale_1_55-64>. Acesso em: 03 dez. 2013.

MATOS, F. R. N. Et al. Representações sociais e sustentabilidade: o significado do termo para alunos do curso de administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, pp. 707-734, 2012.

MINIBAS-POUSSARD, J. Les représentations sur l'argent, la banque et l'épargne. **Gregor. Iae de Paris**, n. 1, 2003. Disponível em: <<http://www.Gregoriae.com/dmdocuments/2003-01.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração de Estocolmo**. Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano. Estocolmo, 1972. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/rio20/img/2012/01/estocolmo1972.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

PAULISTA, G.; VARVAKIS, G. R.; MONTIBELLER-FILHO, G. Espaço emocional e indicadores de sustentabilidade. **Ambiente & Sociedade**, ano XI, n. 1, pp. 185-200, 2008.

RAMOS, F. A.; KAWAMURA, M. R. D. Representações sobre sustentabilidade: contribuições para a abordagem de questões ambientais. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2009. pp. 1-12.

SÁ, C. P. Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. **Temas em Psicologia**, Rio de Janeiro, n. 3, pp. 19-33, 1996.

SOBREIRA, F. Arquitetura e sustentabilidade: os riscos da onda verde. Reflexões sobre a retórica ambiental nos concursos de arquitetura. CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUITETOS, 19., 2010, Recife. **Anais...** Recife, 2010.

SOUZA, P. P. S.; PEREIRA, J. L. G. Representação social de meio ambiente e educação ambiental nas escolas públicas de Teófilo Otoni-MG. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Rio Grande, n. 6, pp. 35-40, 2011.

SPINK, M. J. P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, pp. 300-308, jul./set. 1993.

TAIPALE, K. De construções quase verdes para construções sustentáveis. In: WORLDWATCH INSTITUTE. **Estado do mundo 2012**: rumo à prosperidade sustentável. Tradução: Claudia Strauch. Salvador: Universidade Livre da Mata Atlântica, 2012. pp. 143-151.

VERGES, P. **Ensemble de programmes permettant l'analyse des evocations**. Evoc2000 Manuel, Version 5 Avril 2002. Aix en Provence, France, 2002.

YEMAL, J. A.; TEIXEIRA, N. O. V.; NÄÄS, I. A. Sustentabilidade na construção civil. INTERNATIONAL WORKSHOP ADVANCES IN CLEANER PRODUCTION, 3., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2011. pp. 1-10.

Submetido em: 09/04/2014

Aceito em: 06/07/2015

<http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422ASOC130991V1922016>

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA SUSTENTABILIDADE NA CONSTRUÇÃO CIVIL: A VISÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

ELZA MARIA TECHIO
JARDEL PEREIRA GONÇALVES
POLIANA NERES COSTA

Resumo: Questões relacionadas ao meio ambiente e sua relação com o homem têm incentivado discussões e ações voltadas à prevenção dos efeitos negativos sob o meio ambiente. Para ter programas efetivos que incentivem ações mais sustentáveis na Construção Civil, é preciso saber o que as pessoas pensam e sabem sobre sustentabilidade, os significados e ideias socialmente compartilhadas. Esta pesquisa foi desenvolvida dentro de uma abordagem interdisciplinar, envolvendo a Psicologia Social e a Engenharia Civil, e tem por objetivo identificar as representações sociais de estudantes universitários dos cursos de engenharia civil e arquitetura e de ciências humanas sobre a sustentabilidade. Trata-se de um estudo descritivo, que utilizou um questionário eletrônico e o EVOC para análise dos dados. Os resultados apontaram para uma representação social da sustentabilidade associada à dimensão ambiental: *ambiente, meio e natureza*. As outras duas dimensões do tripé da sustentabilidade, a econômica e a social, apareceram superficialmente como representações periféricas.

Palavras-chave: Representação social; Sustentabilidade; Construção civil sustentável.

Abstract: Environment issues and their relationship with man have encouraged discussions and actions to prevent negative effects on the environment. To have effective programs that encourage more sustainable actions in Construction, it is necessary to know what people think and know about sustainability, the meanings and socially shared ideas. This research was developed within an interdisciplinary approach involving social psychology and civil engineering and aims to identify the social representations of college students of engineering and humanities on sustainability. It is a descriptive study that used an electronic questionnaire and EVOC for data analysis. The results point to a social representation of sustainability associated with the environmental dimension: environment, environmental, and nature. The other two dimensions of the triple bottom line, economic and social, appear superficially as peripheral representations.

Keywords: Social representation; Sustainability; Sustainable construction.

Resumen: Cuestiones relacionadas con el medio ambiente y su relación con el hombre han alentado debates y acciones para prevenir los efectos negativos sobre el medio ambiente. Para desarrollar programas efectivos que promuevan acciones más sostenibles en la construcción se necesita saber lo que la gente piensa y saber acerca de la sostenibilidad, los significados y las ideas socialmente compartidas. Estudio interdisciplinar que envuelve la psicología social y la ingeniería civil, y tiene como objetivo identificar las representaciones sociales de los estudiantes universitarios de ingenierías y humanidades sobre la sostenibilidad. Estudio descriptivo, que utilizó un cuestionario electrónico, y el EVOC para el análisis de datos. Los resultados apuntan para la existencia de una representación social de la sostenibilidad asociada a la dimensión ambiental: medio ambiente y naturaleza. Las otras dos dimensiones del trípode de la sostenibilidad, la económica y la social, aparecen superficialmente como representaciones periféricas.

Palabras claves: Representación social; Sostenibilidad; Construcción sostenible.
